



A CANTORA LADISLAVA HOTKOWSKA (atualmente no teatro de S. Carlos)

N.º 369 Lisboa, 22 de Janeiro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

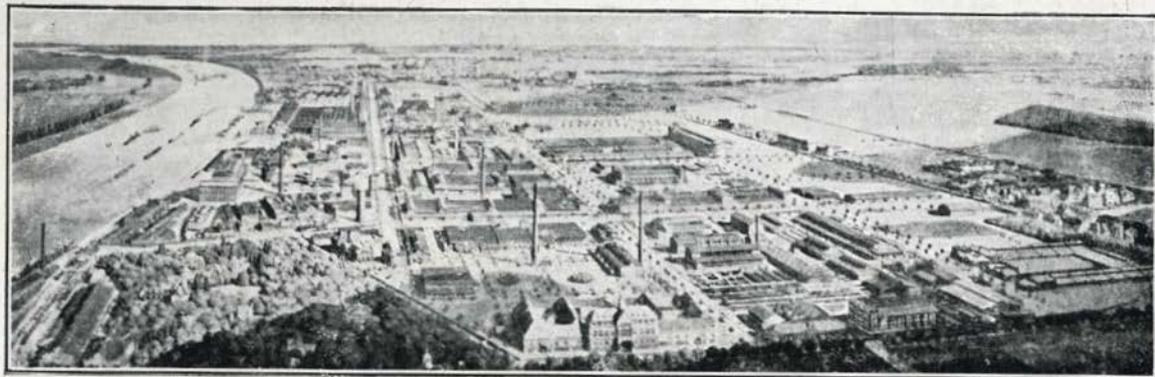
Ano, 1\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 42



Um dos mais importantes estabelecimentos industriaes do mundo:

**A fabrica BAYER (Leverkusen) onde é preparada
a tão conhecida**

SOMATOSE LIQUIDA

Sem duvida alguma o melhor de todos os reconstituintes

O JULGAMENTO DO COMANDANTE DO "S. RAFAEL"

O *S. Rafael* naufragou de frente de Vila do Conde em virtude do grande mar que fazia ir arremecendo pouco a pouco o navio contra os rochedos do fundo. Morreram apenas dois homens e a tripulação portou-se com uma enorme coragem diante do perigo, chegando um dos marinheiros a ir buscar a bandeira arvorada no mastro do cruzador, através de mil obstáculos.

Para julgar o comandante do navio sr. João Martins Ludovice reuniu em 8 de janeiro o conselho de guerra, que,



1—O sr. Ludovice diante do tribunal

Teixeira de Sampaio. A defeza foi feita pelo contra-almirante sr. Tasso de Figueiredo e a acusação coube ao promotor de justiça da armada sr. Mota



2—O contra-almirante Tasso de Figueiredo defensor

como é praxe, decide das culpas dos officiaes n'aquela situação.

Presidiu o capitão de mar e guerra sr. Oliveira Andréa, sendo auditor o juiz dr.



3—O presidente e o Juri
4—Um aspecto da audiência (cliches de Benoliel)

e Souza que declarou não ter havido a menor negligencia da parte do comandante do cruzador que se perdeu.

O júri, composto pelos srs. capitão de fragata Assis Camilo, Julio Galis, Joaquim de Carvalho, Pinto Basto, Berquó e Silveira Moreno deu como não provado o delicto, sendo o sr. Ludovice absolvido.



A EVASÃO DO CAPITÃO LUX

A Europa agora como quando da celebre partida do famoso Kopenick, riu muito a expensas da Alemanha.

Kopenick—simples sapateiro—fardado de capitão tomou consigo soldados d'uma guarda e levou em nome da lei, o dinheiro d'uma rebedoria. A França atirou o caso pelo mundo e o mundo riu da Alemanha militarista onde é possível um caso d'estes.

Agora, porém, trata-se da vigilância das suas fortalezas inteiramente iludidas. O capitão Lux do exercito francez, que fôra apanhado na Alemanha e condenado como espião, evadiu-se da fortaleza de Glatz da mais singular das maneiras.

Um amigo de Paris o dr. Gallery, combinado com o irmão do preso, enviou-lhe um aparelho para duches cujos fios eram bastante maleaveis e se desagregavam para poderem rodear a corda de muitos metros que se formava ao desmanchar-se o tecido grosseiro do pano mandado de França para as fricções depois da duche.

Lux lia agora muito a *Historia de Napoleão* de Frederico Masson e dedicava-se-lhe com tanto mais interesse quanto é certo que nas encadernações dos livros iam moedas d'oiro aiemãs e austriacas que lhe serviriam ao evadir-se.

Por fim recebeu um calendario no qual ia oculto um plano da cidade de Glatz. Com todos estes elementos o prisioneiro da Alemanha fugiu da fortaleza e Paris recebeu-o como a um he-



roe querido emquanto nos teatros se atiram os *couplets*, ironicos e se popularisa Lux.

Mas o peor é que o capitão tem de responder em conselho de guerra, a fim de explicar a sua falta durante estes meses de detenção, sendo considerado desertor. O processo vae ainda tornar mais popular o evadido de Glatz.



1—O heroe de uma evasão celebre: O capitão Carlos Lux (á direita) acompanhado de seu irmão, o tenente Emilio Lux
2—A fortaleza de Glatz, na Silesia, de onde se evadiu o capitão Lux (A flecha indica o sitio preciso em que se achava encarcerado o official francez)

DIOCESES SEM BISPOS.

O Vaticano vae conceder o barrete cardinalicio ao patriarca de Lisboa, como n'um incitamento á attitude que varios prelados portuguezes tomaram diante da lei da separação da egreja do Estado.

Foi decretado que em todas as paróquias houvesse uma corporação civil encarregada do culto religioso na sua administração e desde logo alguns bispos—ao ser posta em execução a lei—aconselharam nas suas pastoraes aos padres que não as aceitassem. O patriarca de Lisboa, depois do bispo da Guarda, deu o exemplo.

Já anteriormente, por desobediencia ao poder civil, o bispo do Porto, D. Antonio Barroso, fôra chamado a Lisboa e passára, por entre o clamor da multidão, da *gare* para casa do ministro da justiça do governo provisório e d'alli, renunciada a sua diocese, se fôra acolher humildemente á calma do collegio de Sernache do Bom Jardim a meditar na differença dos tempos, ali, onde outro padre, o pae de Nun'Alvares, sonhára rebeliões e feitos d'armas.

O arcebispo da Guarda foi castigado com dois anos de expulsão para fóra do seu distrito, e, então, como Castello Branco pertencia á sua diocese, no distrito se refugiou o prelado, continuando a governar as suas freguezias e a responder ao ministro com uma energia estranha em prelado catolico.

Chegou então a vez do patriarca, D. Antonio Mendes Belo, que tendo pastoreado no Algarve e sido erudito professor no seminário d'Evora, recebera a mitra de Lisboa no tempo do governo de João Franco, em substituição do velho franciscano, o cardeal D. José III, recolhido á paz do seu convento.

O ministro da justiça actual, sr. dr. Antonio Macieira, castigou tambem a rebeldia do prelado com a perda dos seus direitos aos bens que gosava do Estado e com a residencia de dois anos fóra da ca-



1—Patriarca de Lisboa
2—Bispo do Porto



pital da Republica.

Coincidiu com o anno novo a condenação do patriarca, e então as salas do palacio episcopal de S. Vicente de Fóra, encheram-se de pessoas de varias categorias que foram saudar o prelado. N'um dado momento, porém, produziu-se uma manifestação na qual—segundo testemunhos—se ouviram vivas a D. Manuel.

Alegaram depois os manifestantes, ante a invasão do templo pelo povo indignado e que gritava vivas á republica, serem aquelas saudações para o arcebispo da Guarda, que tem o mesmo nome do rei deposto.

Alguns jornaes publicaram as listas das pessoas que tinham ido ao patriarcado e notava-se entre elles as das familias tradicionalistas, fidalgos miguelistas, gente de idéas religiosas, mas tambem

então para Gouveia a descansar em casa de pessoas da sua família, dizendo-se que dentro em pouco fixará a sua residência em Santarem.

D'aí a dias o arcebispo do Algarve praticou do mesmo modo, aconselhando ao seu clero que não aceitasse as cultuaes. Era ainda a rebelião que se estenderá a todo o episcopado portuguez, constando que o Vaticano pensa em preencher as dioce-



Bispo de Beja



Bispo da Guarda

outros elementos e funcionarios, militares e magistrados que foram ali—segundo depois disseram, ao serem interrogados pelo governo—uns pela sua fé religiosa e não com intuitos politicos, outros pelas suas relações com o prelado a quem, como habitualmente, foram dar as boas festas. Muitos asseveraram não terem lá estado.

O patriarcha de Lisboa, em obediencia ás ordens do poder civil, partiu



Bispo de Coimbra



Bispo do Algarve

ses que ficarem vagas com prelados estrangeiros.

Tambem áquele arcebispo foi imposta a pena de sair, durante dois anos, do seu distrito e ele já começou a cumprir-a, tendo deixado a sua dioocese em 10 de janeiro e fixado residência no Alemtejo.

O outro prelado que não ocupa a sua Sé, é o bispo de Beja, que se tornou celebre, ainda no tempo da monarchia, pela sua questão com os padres Ançã. Ao proclamar-se o novo regimen saiu

do paiz indo para Hespanha, onde ainda se encontra.

Estão, pois, vagas cinco das diocezes portuguezas.

O bispo de Coimbra tambem não ocupa a sua, mas não sofreu o menor castigo em virtude da sua atitudo para com o governo. As unicas Sés occupadas no continente são as de Bragança, Vizeu, Portalegre e Evora, cujos prelados, segundo consta, seguirão o procedimento dos seus colegas ao tratar-se, nas suas suas diocezes, da questão das cultuaes.

A POLITICA NO BRASIL

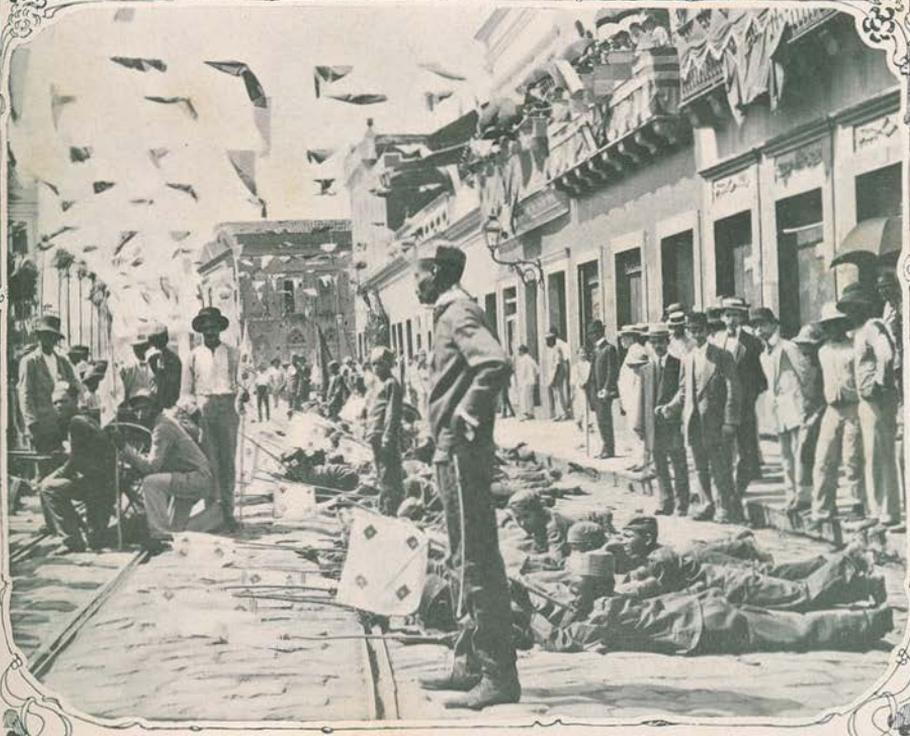


O ESTADO DE PERNAMBUCO AOS OLHOS DO MUNDO...

(CONCLUSÃO)

II

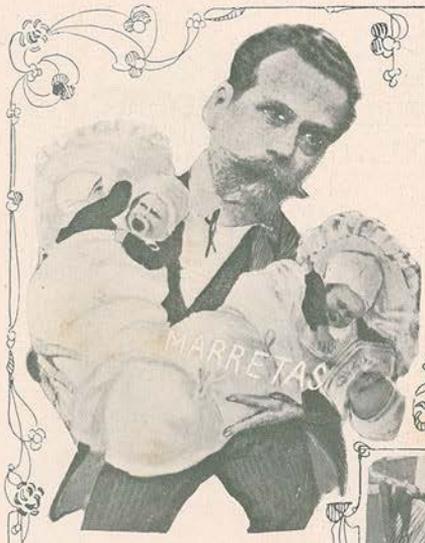
O ilustre sociologo brasileiro, sr. Artur Orlando, impressionado com o defecho do conflito politico, em Pernambuco, não trepidou em me afirmar que «este caso é o inicio de uma questão social no Brazil.» De dedução em dedução, o cientista pernambucano, concluiu que a victoria da candidatura Dantas Barreto, será o ponto de partida, o melhor incitamento para o povo brasileiro se libertar do que julga ser entrave ao progresso da sua terra, a educação do seu sentimento, adquirindo a homogeneidade politica que afirma não ter. Aliás, pensam assim alguns dos espiritos orientadores da opinião, principalmente aqueles que não estão consignados a nenhuma facção, tendo, portanto, a liberdade de pensar e agir consoante seus impulsos naturaes ou intelectivos. D'entre estes ultimos salienta-se o discreto de um pensador brasileiro de renome, cujas faculdades criticas lhe hão grangeado entendimentos diversos. Trata-se do dr. Silvio Roaero. Este preclaro sociologista escreveu ao sr. Arthur Orlando a carta que se segue, cuja publicação me foi gentilmente autorizada.



1—O sr. Marechal Hermes da Fonseca, presidente da Republica Brasileira (Clichê Luis Piereck)

2—O 34 descalço, fazendo exercicio no dia da posse do sr. general Dantas Barreto.

—Deitar corpos.—grita o comandante, vendedor d'U Malho e da Illustração Portugueza



1—A mãe d' Marrete, com os marretinhos... (charge politica alusiva ao sr. Rosa e Silva)

16—12—911

Artur

V. , por causa de Pernambuco, anda amuado; mas não ha razão



«O Chico Marreta no Senado...» (Charge politica alusiva ao dr. Rosa e Silva)

para isto. O Dantas venceu com os seguintes elementos:

- a | Partidarios do Lucena;
- b | Partidarios do Martins Junior;
- c | Todos os elementos radicaes;
- d | Todos os desgostosos da oligarquia perfumada de Rosa e Silva;
- e | Todos os independentes que sonham com melhor futuro;
- f | Partidarios de José Mariano, etc.

Já se vê que aquilo tinha de cair de uma forma qualquer. O facto do Dantas ser militar, ajudou sem duvida; nem taes mudanças se farão nunca no Brazil, sem o bafejo militar, nucleo unico que tem entre nós alguma organização, capaz de dar apoio ás causas justas que o povo ama, mas não já por



2—Trincheira na rua Nova, ornamentada pelos vendedores de jornaes no dia da posse do presidente eleito

falta de força e disciplina adequada. Eu já esperava; e o mesmo e pero em todo o Brazil, menos nos Estados em que reinam as oligarquias protegidas por Pinheiro Machado. Ai é que está o mal. Este caudilho contribuirá para não se mecher em Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goyaz, Mato Grosso, Espirito Santo, etc. Contribuirá para se substituir uma oligarquia por outra, como no Rio de Janeiro (já feita), Baía, Pará, etc., em projeto. Contribuirá para a interrupção oligarquica, por meio de militares, como em Sergipe, Pernambuco (feitas), Ceará, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, etc., planeadas. E' isto. Vou escrever um artigo sobre o assunto. (1) *Statu-quo* n'uns casos; *substituição* n'outros; *interrupção na continuidade* n'outros. São as tres soluções de Pinheiro e sua gente. Em todo o caso, antes isto, quero dizer, antes as duas ultimas soluções do que o *statu-quo* geral que nos estava aviltando. Antes mil vezes Siqueira em Sergipe e Dantas em Pernambuco, do que a gentaglia do padre Olimpio e do Rosa. O que é pena é que taes soluções sejam apenas provisórias. Acabado o tempo do governo de Siqueira, virá ou

(1) Este artigo foi publicado no «Jornal do comercio» do Rio de Janeiro, no dia 27 de janeiro. Foi muito discutido e atacado.



a velha oligarquia ou outra qualquer; acabado o tempo de Dantas, voltará a gente do Rosa, ou mais provavelmente outro grupo, mas sempre oligarquico, porque o estado social do Brazil não comporta outra coisa. Só ha um recurso: *Republica-Unitaria Parlamentar*, como os presidentes dos Estados, nomeados no centro, com a unidade da magistratura, etc. E' esta a obra que o exercito deve fazer e o Brazil tem o direito de esperar d'ele, que fez o 7 de Abril, fez a Republica, e tudo quanto de bom existe entre nós. O lema é: *fazer a Republica Unitaria e Parlamentar e entregar o governo ao mundo civil.* A Federação deu o que tinha a dar: corrupção, anarquia, oligarquia, descalabro geral. Não ha nada mais a esperar d'ela... Cale a sua boca e espere o meu artigo. Talvez eu lh'o mande para v. af publicar. E' agora; o momento é este. O suposto militarismo do presidente (marechal Hermes da Fonseca), não passa de prodomos da grande obra. Deixe falar o Rui e falar o Barbosa Lima. Um é um ódre de frases sonoras; o outro, bexiga cheia de declamações sédiças e plebeias!

Do amigo velho
S. Romero.»

Esta carta sintetisa o pensamento dos que no Brazil se interessam pela marcha do seu país até um ideal de perfeição. E' um documento de analyse comprovativa do espirito politico que presidiu á luta eleitoral —luta que depoz um chefe e ergueu um outro, per-

feitamente adaptado ás necessidades imperiosas do momento e conhecedor dos motivos que o elevaram — motivos entretrecidos com o sofrimento do povo pernambucano.

Disse bem Artur Orlando: «O caso de Pernambuco é o inicio de uma questão social no Brazil.» Quem o duvidar é porque lhe apraz a cegueira ou a indiferença lhe subjuga o raciocinar. Só quem foi espetáculo do que em todo Pernambuco tragicamente se desenrolou é que pôde afirmar, sem receio de desmentido, que os acontecimentos de novembro não foram a sequencia de brigas pessoases entre degladiadores de partidos diversos; mas, sim, o epilogo heroico da ação d'um povo que pegou em armas unicamente para se libertar dos que considerava seus encarniçados inimigos. Foi o odio ao sistema de um partido politico, que encorajou uma multidão de rebeldes. A's descargas cerradas da policia, respondia-se com um cõro de gargalhadas, tão escarninhas, que o elemento governativo recuava de envergonhado... Uma vaia produziu mais fugas do que as *Mausers* modernas! Era bem o povo que herdara o temperamento impulsivo dos revolucionarios, que, desde os tempos coloniaes, teem vindo a resgatar a sua natural soberania. Povo atreito a satisfazer as suas aspirações; orgulhoso por excellencia, altivo pelo carater, insubmissivo, voluntarioso, o pernambucano tão depressa joga uma pedra, crava um punhal, desfecha uma pistola, como ameiga, acaricia, beija a quem considera amigo. Foi o que se viu na chegada do sr. general Dan-



1—A cadeia central, de onde a policia fez fogo sobre o povo na noite de 10 de novembro
2—Dr. Campelo lente da Faculdade de Direito do Recife. Membro do Directorio do P. R. C. (Candidato a deputado federal nas eleições de 20 de Janeiro de 1912.) 3—Balizar Pereira, grande jornalista pernambucano. Ele com Raul Azedo, Gonçalves Maia e Carneiro Villela, foram os primeiros demolidores da facção Rosa e Silva, candidato a deputado federal. 4—Sr. Pontes de Miranda, redator da «Imprensa» do Rio de Janeiro. 5—Membro do Directorio do P. R. C. Ex-diretor do Correio do Recife. Atualmente diretor do Tesouro do Estado. 6—Tenente-coronel Peregrino Farias, ex-comandante geral da policia. 7—Dr. Luiz de Goes. 8—Dr. Ribeiro de Brito. 9—Dr. Oscar Brandão
10—Dr. Eudoro Correia



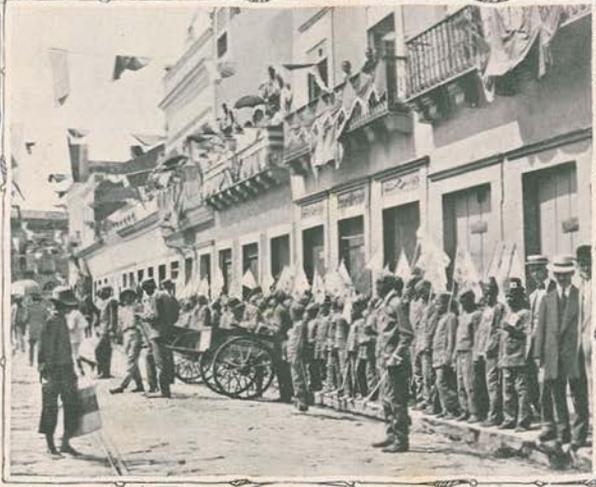
1—Dr. Gonçalves Maia



2—Dr. Aristarco Lopes

tas Barreto, ao Recife, capital do Estado, no dia 12 de outubro de 1911. Sua ex.^a fora de passeio; não aventarei que o seu nito: *ver em que paravam as modas*, excedesse a expectativa e a da pa-

que lhes faltou o tino, o sangue frio, para observarem nas adesões mo- raes que a candidatura Dantas ob- tínha, a perda de um poderio de vin- te anos! Ese é que foi o erro da fação Rosa e Silva. A es-



triotica Liga Comercial *Liga Dantas* que o convidara a analisar com seus próprios olhos o estado social da provincia onde nascera. Descrever o cortejo que acompanhou o, então futuro governador, pelas arterias principais, não cabe nas forças literarias do cronista, tão imponente ele se apresentou, de tanta magestade se revestiu. N'esse dia é que os elementos politicos da situação receberam de seu futuro...

Eca ler o orção official *Diario de Pernambuco*, e notava-se-lhe, nas entrelinhas, o desasosiego iminente.

3—Formatura do 34 Descalço, no dia da posse do presidente eleito. Estão fardados, a expensas do agente da «Ilustração Portuguesa» sr. major Agostinho Bezerra, seu grande amigo e protetor



espírito de intolerancia dominava de parte a parte. Raro o dia em que os conflitos parciais não agravavam a situação, anormalizando a vida interna da capital, cuja repercussão no interior se fazia sentir por um geral descontentamento. As *seções A perdidos* dos jornaes diarios eram o barometro por onde se avaliava da crise de caracter nacional, em perfeita identificação com o maremagnum das paixões partidarias. Não se discutiam os principios em que assenta-

vam as determinantes da fase politica; agrediam-se mutuamente as perso-

A propaganda eleitoral continuou cada vez mais coerciva. Os governistas respondiam sempre a qualquer observação criteriosa:

—«O Dantas, se vencer, é pelas armas que não pelas urnas». Tão confiados estavam no pleito a redimir-se a 5 de novembro,

nalidades que dominavam. E o povo, aquele povo que age só no tal «momento psicologico», empurrado por leis que, cientificamente desconhece, mas nas quaes confia com o seu instinto de conservação, espreitava oportunidade para dizer de sua justiça! Fôra o trabalho acumulado



5—Dr. Henrique Milet



6—José Mariano

4—Sr. Agostinho Bezerra, proprietario da Agencia Jornalística Pernambucana, agente d'«Secção» em Pernambuco e iniciador do batalhão de gazeteiros.



O posto policial d'Apicucos, abandonado pela policia

durante dezaseis anos pelos jornalistas de combati-
vidade impulsiva mas consicente: Drs. Raul Aze-
do, Henrique Milet, Gonçalves Maia, Carneiro Vilela,
Baltazar Pereira e outros cujo nome se gravou com caracte-
res de bronze na alma d'este povo *sui generis*, que estava
frutificando...

A policia, hostilisa va os elementos oposicionistas, a pon-
to d'estes se confessarem perseguidos, sem garantias d'e
vida. No dia 17 de outubro, o sr. dr. Trajano Chacon, ex-
deputado estadual, convocava um *meeting* que se realisou na
Praça Saldanha Marinho. Fizeram-se ouvir os melhores
oradores. Os atos da policia foram acremente censurados.
Acordou-se em repelir com energia qualquer aggressão poli-
cial. A' noite houve grande celeuma na rua da Imperatriz.
Acudiu a policia odiada. Ouviram-se tiros. Um matou ins-
taneamente o capitão Lemos. Correrias, valas, morras,
reboaram pelo espaço afora. Prometia eternisar-se o borbo-
rinho, quando appareceu a figura mascula, simpatica, insi-
nuante e disciplinadora do sr. general Carlos Pinto, acom-
panhada do seu ajudante, tenente sr. Aquino Cor-
reia. A sua presença acalmou os animos. A poli-

A' medida que chegavam noti-
cias do pleito, a multidão, em
frente dos jornaes da opposição, clamo-
rava exultante. No dia seguinte sou-
be-se definitivamente que Dantas Barre-
to vencera na capital. O *Diario de Fernan-
buco* publicava boletins falsos anun-
ciando a victoria Rosista. A indignação po-
pular ia fazendo onda... Os situacionis-
tas mostravam-se incredulos uns, outros
recorrendo a truques velhos e relhos, a
fim de iludirem os ingenuos ou despreven-
idos.

Por fim resolveram dar uma passeiata,
celebrando a victoria do seu chefe... For-
am a todas as *garages*; os *chauffeurs* ne-
gararam-se a conduzir os autos. Decção
horrible. Estorceram-se de raiva... Não
sei que plano se lhes desenvolveu no ce-
rebro vingativo! Registro apenas que á
noite, eram 8 horas, o povo foi
surpreendido com fuzilaria parti-



da de barcaças no rio, do lado da
cadeia. Houve mortes de popula-
res. Foi n'essa noite de 10, que hou-
ve o primeiro combate a valer entre o
povo e a policia. Sim, porque foi a poli-
cia que desfechou sobre a massa inde-
feza. Esta, é que não esteve com mais
delongas; armou-se até os dentes. Sabe-
se que no dia 11 o forno de cremação
publica reduzia a cinzas muitos cadave-
res de policia, para lá atirados por or-
dem superior....

Aumentou o odio contra a autoridade estadual.
O chefe, sr. dr. Ulisses Costa, cuja ineptia como au-
toridade contrastava singularmente com o seu bri-
lhante talento jornalístico, exonerou-se coagido. O
policamento da capital começou a ser feito pela
guarnição federal. Paracia ter voltado a calma esta-
dina. A 24, sua ex.^a o sr. general Carlos Pinto,
considerou ser dispensavel a presença da
guarnição e com uma elogiosa ordem de
serviço a fez recolher a quartéis. Vol-
tou a policia. Esse
é que foi o mal...



2—A officialidade do 34 descalço
3—Dr. Gervasio Floravante 2—Dr. José Vicente Meira
de Vasconcelos

cia nos quartéis queria sair, a fim de *vingar* a morte
de um dos seus comandantes. E' bom de registrar
que tal não fizeram; aliás, liquidar-se-ia n'essa noite
a força embalada que amparava os atos do gover-
nador visado, o sr. dr. Estacio Coimbra. Os dias suc-
cederam-se com perturbações constantes. Policia na
rua era conflito certo. Tornou-se impotente a au-
toridade estadual. Espalhou-se o terror. Começou o
exodo de familias para o interior do Estado.

Chegou, afinal, o dia 5 de novembro. Ia de-
cidir-se do futuro... Dia de festa e de espe-
rativa. Permuta de es-
peranças e desanimos.



1—Dr. Joaquim Pimenta. 2—Dr. Esmaragado de Freitas, delegado do 3.º distrito

Recomercaram as assuadas à força estadual. O novo chefe, dr. Elpidio de Figueiredo, foi eloquentemente vaído. Os gazeteiros (vendedores de jornaes) aos gritos de: *Viva Dantas Barreto*, atira-



O 53 de Infantria formado na Avenida Martins de Barros

vam pedras, cacos de garrafa a alguns soldados antipáticos e turbulentos. Por fim uma descarga colocou a Praça da Independência em pé de guerra. Os magotes de populares engrossavam. A cada tiro, a multidão respondia com gargalhadas. A policia, impotente, voltou ao quartel a municar-se. O commercio fechou as portas por não se julgar garantido, distribuindo avisos de que enquanto a policia estivesse na rua não abriria. Os dias 25, 26, 27 e 28 de novembro, foram tragicos. Assisti a cenas de heroismo. A policia recorreu a extremos para sufocar a rebelião popular que tomava vulto de dia para dia. Na noite de 26 para 27, a redação da *Republica* faz barricada, sacudindo a policia. D'ahi é que nasceu o celebre Batalhão 34 Descalço, composto dos gazeteiros, em sua maioria de 8 a 18 anos. Um d'elles, por alcunha *Cachorrinho*,

foi-se à frente d'um policial e tanto jogo de caqueiragem lhe fazia que o lançava a terra e o desarmava... Quando não fosse assim, a sua arma era a pedra magistralmente jogada para a cabeça d'um soldado. Prepararam-se assaltos às estações policiaes. Em algumas, a soldadesca desertava, abandonando armamento e munições de que o povo se apossava. O quartel do 2.º batalhão era o maior foco de autoridades odiadas. O povo, cada vez mais forte, planejou o assalto e realizou-o com brilho. Depois quiseram fazer o mesmo no quartel do 1.º batalhão, mas ao chegarem lá os revolucionarios, alguns soldados hastearam a bandeira branca. Aderiram à causa popular. Este batalhão era

composto de officias e soldados, quasi todos Dantistas. N'este quartel deu-se um caso picaresco digno de nota. Em um d'aqueles dias de maior efervescencia, soldados deram vivas a Dantas Barreto. Os populares, entusiasmados, correspondiam, de fora e confraternisavam. Chamado a toda a pressa o comandante geral da policia, dr. Perigrino de Farias, este indagou do sucedido. Então, pretendeu desvirtuar o que se passara, dizendo:—«Os vivas não foram a Dantas Barreto, mas sim à mãe de Marreta, que faz hoje anos...» Esse Marreta é um soldado do batalhão. A evasiva era tão irrisoria, que foi aceite a troçar. Espalhou-se imediatamente pela cidade. D'ahi a horas o povo chamava ao sr. dr. Rosa e Silva: *O mãe de Marreta!*... Circularam logo

canções a proposito. Sua ex.ª acabára por cair no ridiculo de um povo que durante dezaseis anos se habituára a julgar-o infalivel!

Das residencias de diversos magnates da situação agonisante fizeram fogo sobre o povo. Este correspondia altivamente. Havia armas e munições à farta. O resto da policia fugia, abandonando-as. O exercito federal voltou a policar as ruas. O commercio reabriu as portas.

Começou a revindita. O povo queria castigar os cabeças do movimento contra ele. Cercou as casas. Prendeu alguns e entregava-os à força sem ao menos lhes fazer um centesimo do mal que eles, senhores do governo, lhes haviam feito! Um dos proceres mais odiados era o sr. To-



Dr. Oswaldo Machado

A INCORPORAÇÃO DOS RECRUTAS

Portugal vai ter dentro em dias quarenta mil soldados nas fileiras e que são esses mancebos de todas as classes da sociedade os quaes, pela nova lei do serviço militar obrigatorio, devem fazer o seu exercicio. Os de infantaria estarão apenas tres mezes nos quartéis; os de cavalaria cinco, os d'artilheria seis assim como os de engenharia e d'este modo, com muito menos tempo de ser-



viço, teremos habilitados um maior numero de soldados.

As ruas de Lisboa apresentaram o mais pittoresco dos aspectos com todos os rapazes dos arrabaldes que se apresentaram á inspeção no hospital da Estrela, pre-



Os recrutas nas ruas de Lisboa
(Lichês de Benoitel)



parando-se no quartel de infantaria 5, o primeiro que os recebe, grandes festas para a sua apresentação n'uma marca da grande fraternidade que deve começar a existir no exercito a que em França — desde a lei do serviço militar para todos os cidadãos — chamam a Grande Familia.



Quando estamos deitados, fixando o escuro abismo da noite, á espera de um sono que tarda, procuramos evitar que o pensamento deslize pelas lembranças do passado, que n'essa hora de recolhimento, quando fechamos os olhos, se tornam mais atraentes e vivas.

Ao mesmo tempo diligenciamos e com o mesmo intuito, emudecer os nossos sentidos auditivos a todos os rumores exteriores, capazes de transportarem para longinquas paragens os nossos pensamentos desinquietaos.

O vento, porém, ri dos nossos esforços, sibila aos nossos ouvidos e apodera-se com tão imperiosa firmeza dos nossos pensamentos que nos sentimos forçados a escutal-o. Tem o vento um modo singular de nos chamar a atenção, vindo murmurar ás janelas.

Não ha logar, limpo ou sujo, que a curiosidade do vento não tente examinar.

E uma vez que conseguiui entrar, seja por uma frincha, por uma janela entreaberta ou pela chaminé, eil-o a mugir, a assobiar, a gemer, á procura de uma fenda por onde possa escapulir-se e regressar da escuridão aos espaços alumiaos pelo luar.

Com desespero rodopia no quarto, abala a porta, sacode as janelas, rasteja, levanta-se, insinua-se, acabando por vir implorar-nos para que o deixemos sair.

Sem coragem, porém, para abandonarmos o conforto do leito, dizemos-lhe para esperar até que chegue a manhã, e de madrugada, ao acordarmos, abrimos as janelas e alegremente se precipita o vento para o ar livre, por onde pôde voltar a vaguear á medida dos seus caprichos.



A nossa vida é como o vento. Nascemos como ele em liberdade e á medida que vamos transitando da infancia para a adolescencia impacientemente desejamos alcançar-lhe o fim.

Lançamo-nos contra as fronteiras que separam a juventude da plena idade viril e por qualquer fenda buscamos introduzir-nos nos segredos do mundo.

Uma vez, porém, que os examinamos de perto, agitadoamente procuramos voltar atraz, á liberdade descuidosa da infancia, pois que só deparámos com a escuridão.

As abobadas do nosso carcere resoam com as nossas lastimas e dirigimo-nos ao guarda celeste das vidas para lhe suplicarmos que nos facilite a evasão.

Mas assim como nós respondemos ao vento, assim ele nos responde que esperemos por que chegue a manhã.

Aos poucos então se vae abrاندando em nós a lembrança da liberdade em que nos moveramos na infancia

Ao desanimo succede a conformidade e o nosso espirito anima-se ao pensar no que nos espera e cumprimos o nosso dever com mais energia.

Quando chega finalmente a madrugada o carcereiro da nossa vida abre nos de par em par as janelas e a alma, sorrindo com alegria, precipita-se, livre, n'essa misteriosa imensidade que nenhuns olhos mortaes jámais puderam fitar ou entrever...

JOSÉ P. DA GAMA MACHADO.



Figuras e Factos



A comissão arroladora do paço patriarcal de S. Vicente

O arrolamento em S. Vicente.—Os bens do patriarcal tem que ser arrolados em virtude de entrarem definitivamente, pela lei da separação da igreja, na posse do Estado. Grandes preciosidades ali existentes, como quadros, jarrões, panos d'arás, objetos antigos devem dar entrada nos museus nacionaes.

A comissão encarregada d'este arrolamento é composta pelo administrador do 1.º bairro; dr. José de Figueiredo, delegado do conselho d'arte e arqueologia, o secretario das finanças e um membro da junta de paróquia d'aquella freguezia, sendo acompanhados pelo rev. Pontes, que em nome do patriarca apresentou um protesto.

Este arrolamento, feito com a minuciosidade que aquellas preciosidades requerem, deve durar bastantes dias, havendo tambem para inventariar alfaias, pratas, mobiliario e pergaminhos.



A reunião dos estudantes no largo de Jesus

Os estudantes e o recrutamento.—Os estudantes de Lisboa deliberaram solicitar do governo para fazerem o seu serviço militar durante as ferias e não agora, a fim de não ficarem prejudicados nos seus estudos, pois d'este modo perderão um ano. De junho a outubro, em todas as armas, elles poderão entrar na efetividade e d'aí a sua reclamação, feita coativamente, primeiro no Instituto Tecnico e depois no largo de Jesus.

Deliberou-se n'essa reunião entregar uma representação ao parlamento a solicitarem essa determinação e em numero de 2:000 dirigiram-se ao palacio do Congresso, onde os receberam os deputados srs. Mira Fernandes, Bissaia Barreto, Moraes Rosa e Alexandre Barros, que prometeram auxiliá-los nas suas pretensões.



O Club Recreativo Brasileiro na sua visita á serra da Estrela

Uma visita á Serra da Estrela.—A Serra da Estrela tem tantas belezas naturaes, tantos encantos, é tão cheia de pitoresco que atrae grande numero de turistas de todas as outras regiões do paiz e até do estrangeiro.

Ha dias o Club Recreativo Brasileiro visitou a encantadora serra e n'essa visita foram fotografados os socios, enviando-nos o cliché que a *Illustração Portuguesa* gostosamente publica.



1—A visita dos alunos do liceu Passos Manuel á fabrica Iniguez. 2—A visita dos alunos do liceu Camões á fabrica Iniguez—(Clichés de Benollel)

Os alunos dos liceus na fabrica Iniguez.—A educação nos nossos liceus vae-se tornando pratica, sendo um uso, de que se tira os melhores resultados, as visitas escolares a varios estabelecimentos, a jardins, a fabricas, onde, pela vista do que pelos livros apenas ficou apontado, maior somma de conhecimentos se adquire.

Ultimamente, depois d'uma serie de visitas ás fabricas de gaz, jardins zoologicos e colonias, a museus d'arte e historicos, a parques, a asilos, foram á fabrica de chocolate Iniguez, onde estiveram assistindo á laboração.

A MANIFESTAÇÃO ANTI-CLERICAL DO DIA 14



1—A festa do cortejo
2—O Diretorio republicano representado pelos srs. 1. Coronel Correia Barreto, 2. dr. Theofilo Braga, 3. Filipe da Mata



A Associação do Registo Civil promoveu uma manifestação do povo de Lisboa ao ministro da justiça, que se realizou em 14 de janeiro, a fim de lhe demonstrar o seu apoio pelas medidas tomadas ultimamente

3—A direção e comissão de propaganda da Associação do Registo Civil, que promoveu e organizou a manifestação

contra os prelados que se recusaram cumprir as determinações da lei da separação relativa á administração cultural.





O CORTEJO DO DIA 14 PASSANDO NO RÓCIO

Os manifestantes em frente do ministério dos estrangeiros,
no Terreiro do Paço, por ocasião da entrega da mensagem da Associação
do Registo Civil ao Presidente do Conselho, pedindo
a supressão da embaixada no Vaticano



O cortejo dando a volta ao Terreiro do Paço, depois da entrega da mensagem ao Presidente do governo





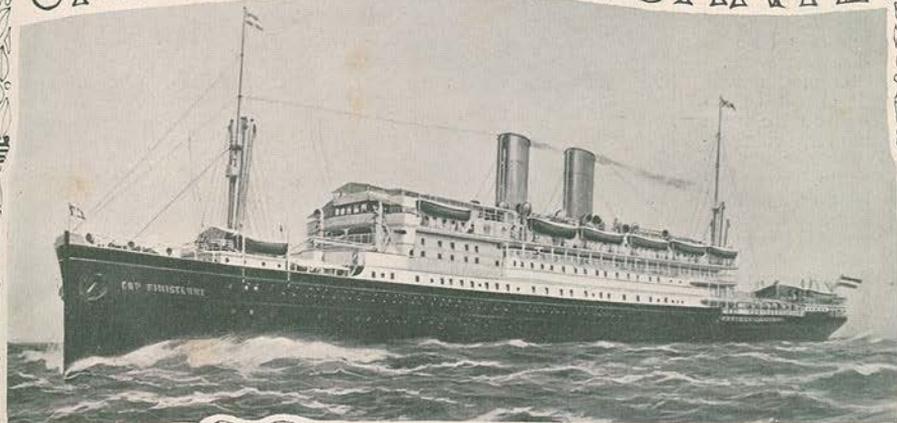
Foi d'uma grande impo-
nência a pas-
sagem de pes-
soas desde a
Avenida ao
Terreiro do
Paço, onde a
direção do
Registo Ci-
vil entregou
uma mensa-
gem ao pre-
sidente do
conselho e
outra ao mi-
nistro da jus-
tiça, falando
n'essa oca-
sião o grão-
mestre da
maçonaria,
sr. dr. Magal-
hães Lima e
o presidente
da agremia-
ção que pro-
moveu o cor-
tejo, sr. Gon-
çalves Ne-
ves.



- 1—No ministerio dos estrangeiros, o presidente da Associação do Registo Civil, sr. Gonçalves Neves, ao lado do presidente do conselho, lê a multidão a mensagem entregue ao governo
2—O sr. dr. Antonio Macieira, ministro da Justiça, e dr. Magalhães Lima, á varanda do ministerio da Justiça, de onde falaram ao povo. 3—A multidão em frente do ministerio da Justiça (Clichés de Benoliel)



UM HOTEL FLUTUANTE



1—O «Cap Finistère»
entrando no Tejo no dia 10
de Janeiro
(Clíchés de Benoitel)

Como vai longe o tempo em que viajar era uma necessidade, ou um mister. O homem para se desagarrar da sua casa tinha, além do encargo de mandar fazer as malas, com todas as cousas indispensáveis, o de se entregar ao tabelião: o testamento era indispensável.

Agora viaja-se por prazer e sem o receio de ter esquecido em



2—No Jardim de Inverno
3—O comandante, com
senhoras da colonia alemã
representantes da agencia
e da legação d'Alemanha

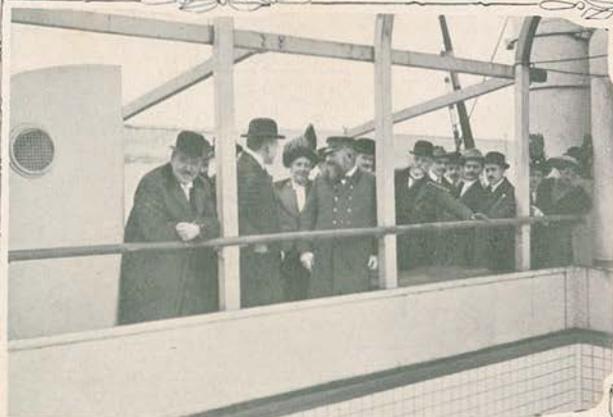


casas as causas mais complicadas e mais raras a que se esteja habituado.

Acorda-se um dia com o desejo vago de vêr mundo, depois aquilo torna-se n'uma insistencia; chega a ser um pesadelo e antes que se torne uma tortura agarra-se n'uma valise, deitam-se umas peças de roupa branca para dentro d'ela e

salta-se na agencia d'um paquete como a d'esse belo *Cap Finistère* que o Tejo ha dias hospedou.

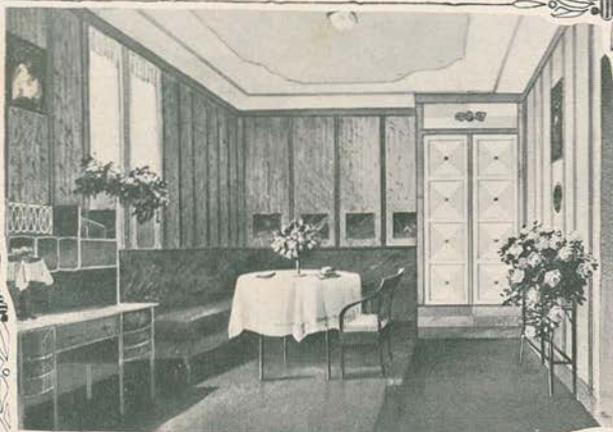
Com um livro de cheques e um pouco de bom humor, a vida passa a ser um encanto. Vae-se instalado n'um hotel que todos os dias nos deixa ver aspetos novos. Não é sempre a montanha nem sempre o campo, a



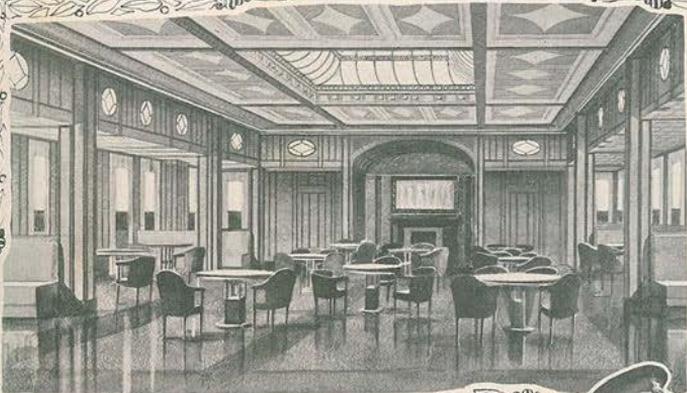
agua azul d'um lago, o pico nevado de um monte, como n'esses hotéis magníficos da Italia e da França, da Inglaterra e da Suissa. E' um palacio movel que, marchando 17 milhas, nos acomoda luxuosamente.

Nas cabines largas, com a sua casa de banho ao lado, ha o luxo de toíettes; telefones e aparelhos varios, as casas de jantar, com os seus balcões para a orquestra, são monumentaes como as dos mais belos hotéis de terra, as salas de jogo, excelentes e ricas como as d'um club londrino, os ginásios espaçosos e com os aparelhos mais modernos, as salas de fumo encantadoras e o jardim de inverno uma verdadeira maravilha.

Quer-se enviar um bom dia ao ente querido que se deixou em qualquer ponto da terra, ha o telegrafo sem fios; quer-se dizer outro bom dia ao ente que, a bordo, começa a ser querido, ha o telefone; quer-se mostrar á que ficou quanto se pensa n'ela, envia-se-lhe, n'um magnifico envelope de bordo, as petalas da



1—O salão das senhoras 2—Na amurada
3—Um camarote de luxo

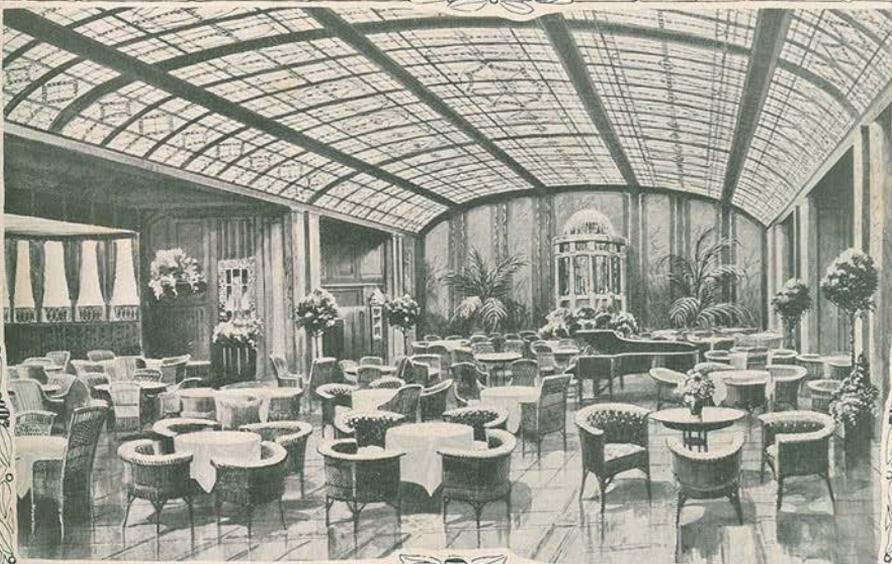


Hamburgueza Sul-Americana, que desloca vinte mil toneladas, mede 560 pés de comprimento e 65 de largo, é um palácio flutuante destinado aos ricos, como tudo o que de belo se cria sobre a terra. Vae atravessar os mares, levando as formosas mulheres da America, os milionarios, alguns d'esses lutadores que ganham muito ouro e carecem de distrair-se e nas classes mais infe-

flôr que se trouxe na botoeira durante o dia, ao mesmo tempo que, para as senhoras de bordo, para quem se quer usar de gentileza, basta descer ao jardim de inverno e, em qualquer dos kiosques, comprar um dos frescos ramos que lá se vendem.

Ha mil maneiras diversas de passar o tempo como n'uma cidade, desde o cinema aos bars, desde os concertos aos exercicios desportivos. Os nossos criados tem as suas instalações exactamente como nas mansardas d'um predio bem dividido; passam pelas escadas de serviço, e, assim, viajando, é como se estivessemos em nossa casa.

Tambem este *Cap Finisterre*, da Companhia



1—O salão de fumar. 2—O comandante do «Cap Finisterre» 3—Jardim de inverno



O salão de jantar do «Cap Finisterre».

riores, alguns turistas menos ricos e anciosos também dos aspetos que o mundo oferece e que mais belos parecerão gosados na como-

didade d'esse excelente hotel que atravessa os mares. Depois de ter estado um dia no Tejo largou em direção a Vigo, d'onde seguirá para

Hamburgo a receber aqueles que possam e desejem conhecer a America, como os americanos teem a ancia de conhecer a Europa.

UMA EXPOSIÇÃO DE RENDAS PORTUGUEZAS

O atelier de D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro é um cantinho calmo e recolhido na rua Antonio Maria Cardoso, e n'aquelle silencio em que as suas discipulas trabalhavam, ella, como uma fada, no seu passinho miudo, vae dando os seus conselhos, ensinando, vendo, com essa superior visão da mulher que soube fazer ressuscitar a velha arte das rendas portuguezas.

Em Portugal houve bilreiras e rendeiras que ao evocarem-se pelos tempos além fazem lembrar aquellos bordadores do Rêve, passando como se fossem levemente aladas, as suas mãos n'uma espiritualisação, por sobre as dalmaticas, as mitras. As mulheres portuguezas tambem fizeram os formosos enfeites



1—D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro



para as mais achegadas roupas de rainhas, princezas e grandes damas, aformosearam-se com a sua arte as góvilhas e cabeções das fardas e gibões da côrte, enfeitaram em galas os punhos fortes que desembanhavam espadas n'aquella moldura galante das rendas que lindos dedos tinham fabricado.

Com o andar das eras, com as leis sobre o luxo, com o desaparecimento das grandes festas da nobreza, foragidas nos mares os fidalgos com rumo para o Brazil, a arte foi-se perdendo, foi morrendo a tradição e as velhinhas rendeiras, diante das suas almofadas, foram-se finando á mingua de quem quizesse aquellos produ-

rugadas avósinhas. Mas um dia chegou em que alguém muito inteligente, dotada d'uma grande maneira artística — que de

resto é d'essa privilegiada família dos Bordalos — fazia novamente impôr

as rendas nacionais não as da indústria banal, mas a da arte nobre. Foi D. Maria Augusta Bordalo, a fada de passo miudinho, que no atelier da rua Antonio Maria Cardoso acaba de abrir a exposição

anual dos seus trabalhos.

Aqui é um *jabot* precioso agora tanto em moda, com o seu motivo ornamental de cravos que são um mimo, um verdadeiro encanto; ali uma guarnição formosa, com as suas orquídeas de um

desenho puríssimo. Depois são rendas em níveis para leques, cabeções, e guarnições completas em que se trabalhouafincadamente e

com cuidados sem conto, com um esmero que nos prende o olhar.

Todos os anos é a mesma coisa. A Lisboa elegante desfila diante das preciosidades que a irmã do grande Rafael Bordalo expõe. Os carros mais bellos, os automoveis mais ricos param áquella porta modesta, onde, logo á entrada, se lê, n'um de-

tos dos seus dedos feitiçeiros.

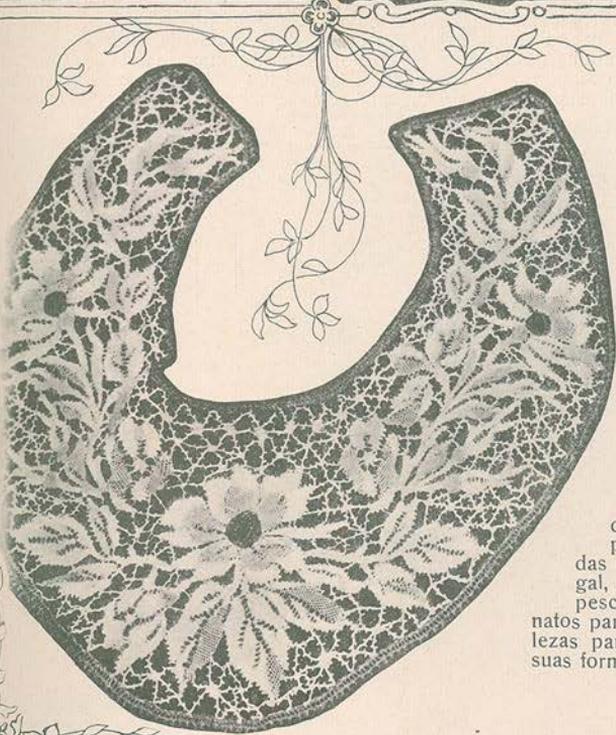
Entretanto chegava a a industria com as suas brutalidades, vinha com as suas máquinas desmanchar os sonhos como se todos acordassem ao seu ruído. Mas perdera-se a arte pura.

Apenas lá no fundo d'uma aldeia ou n'outra, em Vila do Conde ou em Peniche, algumas mulheres, para se distrairem, mais que para d'isso viverem, pois bem minguados eram os seus ganhos, procuravam ainda a linha artistica da renda portugueza. Aquilo era um instinto n'umas, n'outras, reminiscencias dos trabalhos das suas





(Clichés de Benoitel)



buxo interessante, no que ali se trabalha: *Rendas Portuguezas*.

E então, passando diante de todas elas, é o velho sonho a ser realidade; é a arte que se perdura quasi completamente, sendo de novo a mesma, atada, ligada atravez dos tempos, triunfante nas maravilhas que apresenta.

E todas as tardes as mais lindas mulheres da nossa cidade, agora tão cheia de luz, ali vão contemplar as mais lindas rendas que se fazem em Portugal, molduras para os seus pescoços gentilissimos, ornatos para os seus vestidos, belezas para mais engalanarem as suas formosuras.

C. J.

• O DARBAR DE DELHI •



A proclamação dos arautos

A Índia não deixará jamais de ser o paiz das pompas e das maravilhas, a terra do sonho em que os rajahs poderosos cintilantes de pedrarias entretem as imaginações.

Tanta magnificência desenrolada á luz d'ouro do seu sol torna sagrados os reis. A velha Europa ao democratizar-se matou essas idolatrias desde que os soberanos começaram a passear de sobrecasaca entre os outros homens. A Inglaterra, todavia, conservou os seus costumes tradicionais e ainda ha pouco Jorge V foi solenemente coroado em Westminster segundo o ritual e segundo a tradição.

Mas o novo rei d'Inglaterra quiz tambem que os seus subditos da Índia o vissem com a mesma magnificência que torna superiores os reis e os divinis aos olhos das multidões. Foi um ato politico essa coroação que se realisou em Delhi no dia 13 de dezembro. O indio sentiu o deslumbamento; não pedirá mais nada o indio.

A assembleia o —darbar— reuniu solenemente para a coroação de Jorge V imperador das Indias. Ergueram-se

rajahs dispenderam milhares de libras para fazerem a honra ao seu soberano que lhes appareceu n'um grande pavilhão a meio do qual se erguiam dois tronos, pois

o rei não quiz que a rainha d'Inglaterra deixasse de partilhar essa homenagem dos indios e de pôr na sua cabeça o diamema imperial. N'outro pavilhão entraram com lord Hasding o vice-rei da Índia, toda a comitiva dos soberanos, os altos dignatarios, os chefes e os rajahs principaes.

Foi um grande momento cheio de pompa e de deslumbamento aquele em que Jorge V se ergueu para lêr o seu discurso. Acabado ele começou a parte mais imponente e mais decorativa d'essa magestosa e unica cerimonia.

Todas as tribus, povos, subditos dos rajahados e dos principados, enviaram os seus delegados com as mais ricas vestes, com as mais belas joias a desfilar em diante d'esse pavilhão imperial d'onde Jorge V e a rainha Mary majestosamente os viram passar.

A frente iam os principes gentes, os rajahs da tradição, hoje subditos da Inglaterra dominadora; seguiram-se os seus homens d'armas, os seus con-



2—Os soberanos, imperiaes, e corã, apresentam no terraco de Shah
3—O «Shamiana» á cerimonia
4—O pavilhão Imlebrou a pro-

com os atavios de manto se á multidão hinda do palacio Jehan onde se procedeu da homenagem perial onde se ceclamação

pavilhões de sedas e de purpuras; os

selheiros, os seus vassallos, os brah-





1—O Imperador e a imperatriz das Indias saindo do palácio de marmore
2—Assistindo ao desfiler dos principes hindús



1—Aspecto geral da cerimonia da vassalagem da India nas festas da coroação do rei Jorge V de Inglaterra como imperador das Indias, em Delhi. 2—Depois da proclamação. O regresso ao palacio



ter o seu eco no resto do mundo. A' cerimonia grandiosa de Westminster seguiu-se a incomparavel cerimonia de Delhi e mais uma vez a Inglaterra se mostrou em toda a sua poderosa força da tradição.

manes poderosos, os ricos, os nobres, cintilantes de ouro e pedrarias roçando sedas; depois os principes menos grandiosos com a sua gente; ainda os chefes de tribus com os mais caracteristicos trajos, as lindas mulheres cobertas de joias, as formosas princezas pomposas de encantos e de tradição. Tudo aquilo passou, durante mais d'uma hora, n'um rumor heraldico, protocolar e festivo e então, os principes de pé, diante dos seus pavilhões ricos, perante as tropas, n'um alarde extranho, viram Jorge V e a rainha Mary erguerem-se nos seus tronos enquanto os arautos montados nos cavalos ricamente ajezados, chegavam deante dos pavilhões regios, alteavam os cetras, soltavam o seu brado solene anunciando aos povos da India que o seu imperador, aquele homem de manto roçagante e arminhado com uma corôa na cabeça, estava aclamado. Troaram as peças e um grito enorme d'aplausos reboou pela vastidão e veiu



3—O begum de Bhopal, recoberto com os seus véus, a caminho da Shamiana, onde vai apresentar as suas homenagens aos soberanos de Inglaterra



FIGURAS E FACTOS



Higino Mendonça.— A *Pena Ultima*, que brevemente vae reaparecer na cena do teatro Nacional é uma tragedia profunda d'um sabor ibseniano que decorre n'um curto espaço de tempo em situações lancinantes e empolgadoras. Este trabalho teatral do romancista da *Lucilia* é na realidade notave!



1—Bandeira oferecida ao Batalhão Nacional Republicano de Coimbra por um grupo de senhoras d'esta cidade. Com grande entusiasmo prestou, sobre esta bandeira, juramento o mesmo batalhão, sob o comando do sr. alferes A. Casimiro, em 5 do corrente

Os batalhões voluntarios que começaram em Lisboa estenderam a sua ação por todo o paiz. Rara é já a terra de Portugal onde eles não existem sendo d'uma grande dedicação ao regimen. O de Coimbra acaba de inaugurar a sua nova bandeira que reproduzimos e que foi oferecida por um grupo de senhoras.



2—O sr. Higino Mendonça, autor da peça *Pena Ultima*, que em breve subirá á cena no teatro Nacional

3—Os caixões contendo as ossadas da rainha Maria Francisca Izabel de Saboia, mulher de D. Afonso VI e D. Pedro II e de sua filha a princeza D. Izabel, trasladados da igreja das Francezinhas para o panteão de S. Vicente

(Clichés de Benoliel)

A GERMANISAÇÃO D'AFRICA PELA ESCOLA

Lembram-se d'aquela personagem de Julio Verne que encontrando na Africa um pequenino selvagem o começou a interrogar acerca dos seus conhecimentos e ouviu da sua boca esta cousa formidanda: o mundo é dos ingleses, E a lua?! Também dos ingleses?!

Pois os alemães seguem na Africa o mesmo sistema dos missionarios britannicos que d'aquella fórma tinham industrializado o selva-



1—Deutsch-Ostafrika
2—A lição de historia natural 3—A' hora do recreio

mentar realizando o sonho atrevido com que enebria os negritos: toda a Africa para a Alemanha.

Com uma perseverança sem par e com um cuidado especial o alemão vai fazendo a sua obra, tornando viavel o seu imperio nas regiões onde ainda ha meio seculo não possuia uma geira de terra.

gemshinho. Diante do mapa da região eles vão ensinando que toda ela a Alemanha pertence: *Deutsch-Ostafrika* e o negro vai aprendendo a grandeza fabulosa do seu dominador que nas suas escolas, em vez de padres, coloca o autentico professor alemão com os seus metodos simples e com estas complicadas maneiras e assim se faz a germanisação d'essas colonias que a cubiçosa Alemanha pensa em au-

